

Dramaturgia
Latino-Americana

v.3

Adeus Ayacucho



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco José Gomes Mesquita

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninó El-Hani

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

José Teixeira Cavalcante Filho

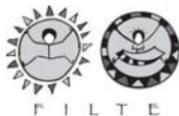
Alberto Brum Novaes

Suplentes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Cleise Furtado Mendes

Maria Vidal de Negreiros Camargo



LUIS ALBERTO ALONSO
HÉCTOR BRIONES
CACILDA POVOAS
(Organizadores)

Dramaturgia
Latino-Americana

v.3

Adeus Ayacucho

NARRAÇÃO DE JULIO ORTEGA EM VERSÃO TEATRAL DE
MIGUEL RUBIO

Solo de Augusto Casafranca estreado em 1990

EDUFBA
Salvador-BA
2010

©2010 by Organizadores
Direitos de edição cedidos à
Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA
Feito o depósito legal

Revisão
Martha Pérez Trujillo

Projeto Gráfico
Rodrigo Oyarzábal Schlabitx

Editoração eletrônica
Thiago Vieira

Capa
Amanda S. Silva

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Rubio, Miguel.

Adeus Ayacucho / narración de Julio Ortega en versión teatral de Miguel Rubio : unipersonal de Augusto Casafranca estrenado en 1990. - Salvador : EDUFBA, 2010.

67 p. - (Dramaturgia latino-americana / organizadores Luis Alberto Alonso, Héctor Briones, Cacilda Povoas ; v. 3).

Obras publicadas, junto a la inversa.

Con : Adeus Ayacucho / narração de Julio Ortega em versão teatral de Miguel Rubio.

Texto en español y portugués.

ISBN 978-85-232-0705-2

1. Teatro brasileiro. 2. Teatro peruano. 3. Teatro latino-americano. I. Ortega, Julio. II. Casafranca, Augusto. III. Alonso, Luis Alberto. IV. Briones, Héctor. V. Povoas, Cacilda. VI. Título. VII. Serie.

CDD - 869.92



EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n - *Campus* de Ondina,
40170-115 Salvador-BA Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

A Coleção

Com a publicação de *Adeus Ayacucho*, versão teatral de Miguel Rubio para o conto homônimo de Julio Ortega, o Festival Latino-Americano de Teatro da Bahia, em parceria com o Teatro Vila Velha e a EDUFBA, lança o terceiro volume da coleção *Dramaturgia Latino-Americana*. Esta coleção vem preencher uma lacuna nas publicações de textos dramáticos no Brasil, onde a difusão da dramaturgia latino-americana contemporânea, principalmente dos anos 1990 em diante, tem sido escassa. Nesse sentido, a coletânea adquire uma importância fundamental por dar a conhecer outros formatos dramatúrgicos, os quais operam temas e experimentações formais que têm dado, aos seus autores, um reconhecimento de porte internacional.

Os textos escolhidos para esta coleção são frutos das vivências e inquietações pessoais, sociais e artísticas de seus dramaturgos, onde o contexto globalizado se deixa ver entremeadado com o local, com os seus efeitos culturais e políticos. Há, sobretudo, nos textos aqui selecionados, uma fusão do tema com a forma. As temáticas são pensadas e materializadas, na escrita dramatúrgica, em função de seus aspectos rítmicos, sonoros, intertextuais, entre outros. Trata-se de uma dramaturgia cujos autores se sabem artífices cênicos, sendo seus textos provocações que estimulam o jogo da cena na interação de seus diversos elementos: luz, som, espaço, corpo, entre outros. São textos que deixam intencionalmente lacunas ou aberturas que pedem um diálogo íntimo com o leitor. É justamente este tipo de dramaturgia que esta coleção se propõe a divulgar e o texto *Adeus Ayacucho* constitui um importante exemplo.

A coleção *Dramaturgia Latino-Americana* configura-se como uma significativa possibilidade de aproximação da dramaturgia contemporânea de nosso continente, tanto para estudantes de literatura e artes cênicas, como para outras áreas de estudo. Do mesmo modo, a coleção poderá ser um material valioso para artistas teatrais que queiram desenvolver sua prática cênica montando espetáculos a partir desses textos. Por esse motivo, optamos pelo formato de uma peça em cada exemplar, tornando o volume mais fácil de manusear na sala de ensaio, assim como optamos por uma edição bilíngue – português-espanhol – para que os leitores tenham acesso ao texto em sua língua nativa. Isso dá à coleção uma abrangência internacional, podendo ser de interesse também para investigadores, estudantes e artistas de qualquer localidade latino-americana.

O Terceiro Volume

Para o terceiro volume da coleção *Dramaturgia Latino-Americana* escolhemos *Adeus Ayacucho*, texto escrito pelo diretor de teatro Miguel Rubio, a partir do conto homônimo do escritor Julio Ortega, ambos de nacionalidade peruana. Rubio tem se destacado no âmbito teatral latino-americano como diretor de um dos mais significativos grupos do teatro peruano, o *Yuyachkani*. Este grupo foi fundado por Rubio em 1971 e sua trajetória se estende até os dias de hoje. *Adeus Ayacucho*, concebido como solo, foi montado em processo colaborativo entre Rubio e o ator do grupo Augusto Casafranca, tendo sua primeira estreia em 1990. O texto trata da trajetória de um dirigente camponês morto na cidade de Ayacucho, no Peru, esquartejado por uma ação militar por considerá-lo subversivo. Os militares, acredita o camponês, levaram a metade dos ossos do

seu corpo para a capital do país, Lima. Em *Adeus Ayacucho* é o próprio morto que, com triste e corrosivo humor, narra a sua viagem para a capital, com o fim de recuperar a outra metade do seu cadáver. Este é um costume andino, onde os mortos somente podem ser enterrados de corpo inteiro, senão ficam no mundo como almas em pena. O texto foi escrito e montado no contexto da guerra suja peruana, nas décadas de 1980 e 1990, e faz parte de uma indagação poética, por parte de Rubio, sobre os possíveis papéis do teatro em tempos de violência política. O texto configura uma reflexão sobre uma política do corpo, mais precisamente, do corpo ausente. O espetáculo do grupo *Yuyachkani* não só tem viajado pelo mundo, mas também, em 2001, percorreu o Peru, apresentando-o para diversas comunidades camponesas e indígenas, dentro de uma campanha em favor dos direitos humanos.

Salvador, 12 de julho de 2010
Cacilda Povoas, Luis Alberto Allonso e Héctor Briones
Os organizadores

Adeus Ayacucho

NARRAÇÃO DE JULIO ORTEGA EM VERSÃO
TEATRAL DE MIGUEL RUBIO

Solo de Augusto Casafranca estreado em 1990

Presenças

Alfonso Cánepa: Líder campesino morto e desaparecido.

Q'olla: Personagem de uma dança dramática dos Capac Q'olla¹ de Cuzco, ataviado dos pés à cabeça. Também usa máscaras, chapéu, luvas, pompons e uma vicunha² d issecada atada à cintura.

Mulher: Fará intervenções musicais durante todo o espetáculo.

¹ Q'olla- No texto a palavra designa o dançarino de uma importante dança dramática de Cuzco, a antiga capital do império Inca. Na dança dos *Capac Q'olla* são representados os comerciantes do planalto andino que viajavam entre Cuzco e Potosí, na atual Bolívia. O dançarino veste um chapéu retangular decorado com lantejoulas e uma máscara tecida de lã branca. Segundo o cronista do século XVI, Pedro Cieza de León, *Capac Colla* ou *Qhapaq Qulla* é o poderoso governante de Hatuncolla, territórios próximos ao lago Titicaca, antes do império Inca.

² Vicuña - menor espécie de camelos sul-americanos que habitam os Andes do Equador à Bolívia.

No centro do palco, uma rampa sobre a qual é velada a roupa (paletó, calça e sapatos) de um desaparecido. Ao pé, arranjos de flores e um candelabro. Na frente, queima-se incenso e folhas de eucalipto. No extremo direito, sobre uma manta, está a mulher rodeada de instrumentos musicais. No extremo esquerdo, dentro de uma sacola de plástico preta, está escondido e vai aparecendo Q'olla.

Q'OLLA

Q'olla vai saindo da sacola de plástico, enquanto faz tremer uma pequena bandeira branca. Sai e descobre o lugar do velório. Aproxima-se.

Isso (*Olhando os sapatos*) para você não serve mais, e para mim faz falta. Você vai me desculpar irmão.

(Sobe nos sapatos e imediatamente o seu corpo começa a tremer e Alfonso Cánepa começa a falar através dele.)

ALFONSO CÁNEPA

Vim a Lima para...

Q'OLLA

... Recobrar meu cadáver.

ALFONSO CÁNEPA

Começaria o meu discurso assim...

Q'OLLA

... Quando eu chegasse a esta cidade.

(Dando um salto sai da rampa).

Esta não é minha voz! Quem é você?

(Tira o chapéu).

ALFONSO CÁNEPA

Pensava assim enquanto saía da vala na qual tinham me jogado logo depois de me queimarem e mutilarem, me deixando morto e sem a metade dos meus ossos que levaram para Lima. Em Quínoa, a semana passada deste mês de julho, mês sem água, eu decidi me apresentar à Delegacia.

(Sobe na rampa).

O sargento, ao me ver entrar, ficou de pé.

(Vira de cabeça para baixo).

Alfonso Cánepa! Como o senhor está, meu sargento, venho ver essa denúncia que dizem que fizeram contra mim. Fui acusado de que agora?

Não se faça de besta, você é um terrorista perigoso!

(Se incorpora).

Sabia que eles me acusariam de terrorista e eles sabiam que eu não era. Então, o que queriam que eu confessasse?

Q'OLLA

(Pulado da rampa).

No que você se meteu, irmão!

ALFONSO CÁNEPA

Primeiro me arrancaram a falange do dedo pequeno e eu nem percebi. Só vi o sangue quando me arrancaram a falange do outro dedo. Gritei muito. Nesse momento devo ter compreendido que eles não parariam, e o meu corpo não deixou de tremer. Depois me levaram à saída do povoado, junto ao morro alto e perto do barranco. Aí me jogaram de um jipe em movimento. Caí. Rolei, gritando, procurando uma pedra, uma valeta onde me esconder.

Q'OLLA

E aí?

ALFONSO CÁNEPA

Mas me jogaram uma granada que explodiu muito perto e pude ver, como se fosse de outro, o meu braço direito que se desprendia de mim, me dando adeus pelo ar. E caí, sabendo que morria.

Q'OLLA

Aí você podia ter aproveitado para se esconder em qualquer parte, irmão.

ALFONSO CÁNEPA

Outra granada de fósforo arreventou nas minhas costas esvaziando a minha cabeça e abrindo o meu estômago como se fosse de trapo.

Enquanto rodava pelo ar eu via esses guardas descendo essa ladeira, uivando como lobos. Alguém me levantou pelo pé direito. Então me dei conta de que estava sem a perna esquerda. Me arrastavam para o fim da ladeira, ali onde as rochas são maiores e a mata mais cortante. Mas me arrastavam tão mal que mais alguns dos meus ossos iam ficando no caminho. De agora em diante teria que fazer a conta precisa das minhas partes perdidas para recuperar logo cada uma e me dar sepultura.

Mas quando, por fim, me jogaram em um buraco grande e pouco profundo, e começaram a me cobrir com pedras e palha brava, eu acreditei ver um desses policiais vasculhando em volta, com uma sacola de plástico nas mãos, e de imediato percebi que esse filho de mãe vil recolheria meus pedaços para levar com ele metade do meu corpo.

Q'OLLA

(Pega a sacola e corre em volta da rampa enchendo-a de ar. Ao chegar ao lugar inicial, segura a sacola que aparenta estar cheia).

ALFONSO CÁNEPA

Esse mesmo policial antes de me jogar no buraco que seria o meu túmulo encheu a minha barriga com pedras e palha seca, como se eu fosse um boneco feito para ser desfeito.

(Pega a bolsa e carrega-a).

Eu estive morrendo por um longo tempo, ou já devia estar morto, quando me cobriram de cascalhos e palha seca, e me entretive pensando na minha condição de peruano crédulo.

Q'OLLA

É claro! Somente um tolo iria à Delegacia sabendo que estava sendo perseguido!

ALFONSO CÁNEPA

Eu fiquei ali recordando e fui ficando furioso. Desta vez a fúria era por minha causa. Era sabido que estavam matando por toda parte. E que alguns detentos apareciam depois de um mês em valas comuns e com o corpo torturado. Mas a mim, me fizeram em pedaços. Com um braço e uma perna a menos não poderia ir muito longe. Mas precisamente por isso, porque tenho somente metade do meu corpo comigo...

(Esvazia parte do ar da bolsa sobre a rampa).

Comecei a deslizar e escapular, fiquei a rolar um pouco até me levantar finalmente, junto a uma árvore caída e queimada que encontrei no caminho. Comecei a subir devagar essa ladeira e já de cima vi lá embaixo o povoado escuro e vermelho. Senti uma pena tranquila, longa e gritei. Mas ao invés disso eu fazia um ronco feio como de gato molhado. Repeti os meus gritos novamente. Me devolva meu corpo! Para onde levaram os meus ossos!

(Se senta e acaricia a sacola, depois a amassa e a joga no fundo. Depois se dirige às roupas estendidas sobre a rampa).

Q'OLLA

Eu também tenho que fazer minhas coisas. Olha, lhe desejo a melhor das sortes. Passe muito bem.

(Calça os sapatos).

ALFONSO CÂNEPA

Já amanhecia quando me sentei à beira da estrada, esperando o caminhãozinho de Seu Luciano passar, o velho que distribuía o leite todas as manhãs bem cedo no povoado. Assim que vi o velho, ponguei no caminhãozinho por trás, como fazem as crianças brincando. Só que ponguei sem ele perceber. Seu Luciano estava agasalhado com o seu cachecol, mais velho que a sua mula loira. Eu ia o mais escondido possível entre a palha, coberto com uma pele de cabra.

De repente, o caminhãozinho entrou no povoado por um caminho de pedras e parou, como todos os dias, na primeira casa, a dos Robles. Naquele instante a porta se abriu e Rosa Robles saiu nos cumprimentando. Eu também respondi à sua saudação com meu rugido, que se ela escutou ou não, deve ter pensado que era um capricho da mula decrépita.

Ai! Seu Luciano! O que o senhor ouviu falar de Alfonsinho? O que terá acontecido, né? Dizem que mataram ele? Estão vindo de Lima, dizem que estão matando por toda parte! Disse alguém que não lembro.

Já não tem remédio, tudo se apaga quando o governo mata.
Disse o velho.

O caminhãozinho continuou avançando, desta vez por uma rua de terra batida e eu me levantei para ver pela última vez a rua da minha infância, mas me contive.

Mataram o que era meu, temos que encontrar seu cadáver, sua alma não encontrará descanso, temos que lhe dar sepultura cristã! Disse minha mãe.

Se souber de alguma coisa, Seu Luciano, venha nos avisar.
Disse meu pai.

A voz dele me soou mais longínqua e distante. Ou será que tendo perdido a metade do meu corpo só consigo escutar a metade deles, ou talvez eu tenha perdido a metade que me veio dele e por isso escuto a sua voz tão longínqua.

Papai, mamãe, quanto sofrimento, quanto.

Fora cachorro, fora, ia dizendo Seu Luciano e a mula continuava trotando nervosa. Um cachorro começou a latir por trás do caminhãozinho, o safado tinha me farejado e outros começavam a latir das portas das suas casas. Mas o percurso do caminhãozinho terminava do outro lado do povoado, junto do fim de linha dos caminhoneiros. Ali eu tentaria descer, escapulir, entre qualquer desses caminhões que vão até o litoral.

Pela rota de Ayacucho eram quatro dias para chegar a Lima. Até agora ninguém tinha me surpreendido e com sorte ninguém me surpreenderia. Ao chegar a Lima talvez tivesse que me descobrir. As pessoas de lá já estão acostumadas a ver cadáveres na televisão. Assim que eu contasse a minha história não faltariam voluntários para me enterrar.

(Grita).

Me espera, Presidente, que eu quero te ver! Mas os cachorros começaram a latir dessa vez como loucos. O leite das botijas tinha me salpicado por toda parte e ainda por cima a palha do caminhão tinha grudado em todo o meu corpo. Eu devia estar parecendo, então, com um desses bonecos da altura que suportam do mesmo jeito o frio ou a neve.

Na congestionada estação de caminhões descobri um, “*O Peruanito*”. Se bem que esse nome me produziu certa desconfiança.

Q’OLLA

Claro, a não ser que o caminhão fosse barranco abaixo e você morresse duas vezes por sua dupla condição paisana.

ALFONSO CÁNEPA

Mas era o caminhão mais apropriado, cheio de caixas de frutas, sacos de batatas. Então me arrastei entre a carga até me aninhar em um lugar abrigado junto da cabine. Enquanto isso o motorista e seu ajudante bebiam uns tragos madrugadores para rebater o frio. Finalmente, como quem não quer nada, ligaram o motor e o rádio.

Andávamos lentamente, quando nesse momento descobri que alguém assoviava junto de mim. Não pude reprimir meu sobressalto. Descobri o meu rosto e vi a cara do homem, vi como ele parava de assoviar e começava a abrir os olhos mais e mais. Olhou para mim como se não estivesse acontecendo nada. De repente o caminhão saiu da estrada em uma curva estreita. Entrou por um caminho arborizado e parou em frente a um pequeno cemitério. Me deu um pavor irresistível. O caminhão parou. O motorista subiu. Mexeu em alguns sacos e descobriu o meu rosto.

Q'OLLA

Mas certamente ele não reconhecera você.

ALFONSO CÁNEPA

Ainda assim eu fiquei em dúvida, porque imediatamente pegou uma sacola de plástico preta...

Q'OLLA

Que com certeza ficou de algum outro enterro.

ALFONSO CÁNEPA

Entretanto o ajudante já regressava depois de ter deixado um ramo de flores em algum túmulo. Já estávamos de volta à estrada. Uma estrada muito ruim, por sinal. Com centenas de buracos e milhares de curvas. O sacolejo do caminhão estava moendo os meus ossos.

Q'OLLA

Os poucos que lhe restavam, na certa.

ALFONSO CÁNEPA

Deve ter sido depois de sair de Abancay, mais ou menos, que comecei a reparar nas pessoas que atravessavam a estrada em determinados trechos. Outros iam sobre enormes pedras. A suspeita de que fossem como eu, desaparecidos, me comoveu. Eu não era, acaso, o único que ia a Lima para recobrar os próprios ossos? Quando, nesse momento... Silêncio. Parece uma patrulha militar! De que arma³ eles serão? É um jipe ou um caminhão? Caminhão, disse o outro, e poderiam ser contra-terroristas, dos Sinchis⁴. Não, os Sinchis aqui só andam pelo ar. Ufff!

Mas enfim, era um caminhão do exército. O que aconteceu, por que pararam? Perguntou um jovem tenente pálido. Nada, meu tenente. A bateria, nada mais, mas já estamos indo, respondeu o motorista. O que é isso? Perguntou apontando para mim. Eu continuava imóvel. O meu braço ia para um lado e a minha perna para o outro. Falso alarme, eles também não me reconheceram. Foram embora, e eu me recompus como pude.

³ Arma - Com o termo “arma” a personagem estaria se referindo a alguma das três instituições que fazem parte das *Fuerzas Armadas Del Perú*: Marinha, Aviação e Exército. No Peru é mais comum o emprego do termo “*fuerza*” (força).

⁴ Sinchi - Palavra em língua quéchua que pode ser traduzida como “guerreiro bravo ou guerreiro feroz”. *Sinchi* é, segundo o cronista mestiço do século XVI, Inca Garcilazo de la Vega, o nome do segundo governante do império Inca, *Sinchi Roca*. Na peça, a personagem se refere a um grupo de elite da *Policia Nacional del Perú*. Os *Sinchis*, como unidade especializada de combate anti-subversivo, recebeu treinamento dos chamados *boinas verdes*, dos EUA e foi criada em 1965 por Decreto Supremo durante o primeiro mandato do presidente Fernando Belaunde Terry. Na atualidade, enfrenta os grupos armados do narcotráfico na região da Amazônia Central do Peru.

Não tínhamos avançado muito nisso, um barulho desconhecido nos deteve. Logo apareceu, no sentido contrário ao nosso, uma patrulha cheia de fuzileiros navais em um caminhão que era uma verdadeira fortaleza.

Vimos que eles levavam presos uns dez garotos que cantavam uma ladainha escura em quéchua de Ayacucho. Vi os seus rostos cheios, os olhos simples, as bochechas queimadas pelo frio. O cabelo hirto. Não havia nenhum mistério neles, eram de carne e osso como qualquer um. Porém com uma coisa a mais, porque eles sabiam que iam matá-los e essa evidência lhes dava a loucura dos últimos dias. Tanta morte, tanto desespero e nada. Seu caminhão parou junto do nosso. Os fuzileiros navais olharam-se sem se alterar. Os garotos fecharam os punhos em silêncio.

Adeus, e muito cuidado com esse caminhão, disse o capitão. Depois eles se foram. Nós também arrancamos no mesmo instante.

(Pega uma vela e ilumina as roupas do morto).

Em breve chegaríamos a Huanta, outro eixo da contra-insurgência militar, onde pouco tempo atrás foram descobertos túmulos secretos, enormes valas comuns. Os cadáveres ainda estavam na praça, irreconhecíveis. Enquanto as mães gemiam em coro procurando os seus mortos, eu escutava o ranger dos seus ossos, o pranto intermitente. Tanta morte, tanta matança.

(Acende fogos de artifício e pula brincando sobre eles).

Na entrada do povoado, fomos parados por um grupo de pessoas totalmente enlouquecidas, em volta de um pregador seminu que anunciava o fim do mundo. Quando entramos na praça vimos um cortejo fúnebre em direção à igreja maior, em cujo átrio aguardavam as autoridades. Justicaram algum mandão local, pensei. Uma corneta fúnebre impôs silêncio e quando calou se ouviu ao fundo explosões de dinamite que faziam tremer a terra. De fato a praça se encheu de soldados. Só conseguíamos nos mover buzinando sem parar, freando e acelerando. Na saída do povoado, desta vez pelos bairros elegantes, vimos outro grupo de pessoas mais bem vestidas que escutavam o seu próprio tagarela que prometia a paz do fim do mundo.

Esta é a primeira carta que eu pensei.

Q'OLLA

(Pega os pompons que leva no cinto e lê à maneira de kipus⁵).

Senhor Presidente: Pela presente, o senhor subscrito, Alfonso Cánepa, cidadão peruano, domiciliado em Quínuá, agricultor, comunica a Vossa Senhoria, como máxima autoridade política da República, o seguinte:

(Senta, faz o gesto de escrever à máquina de datilografia).

⁵ Kipu ou Quípu é uma palavra quéchua que significa nó. São cordas de lã ou algodão, com nó de diferentes tamanhos usados na época Incaica como uma forma de contabilidade ou de guardar mensagens. Atualmente, continua-se investigando sobre possíveis níveis de escritura que os Kipus poderiam conter.

Em 15 de julho fui preso pela polícia do meu povoado, incomunicável, torturado, queimado, mutilado, morto. Declararam-me desaparecido. A Vossa Senhoria terá visto o protesto nacional que foi realizado em meu nome, ao qual somo agora o meu próprio protesto, solicitando-lhe que me devolva a parte dos meus ossos que levaram para Lima. Como bem sabe a Vossa Senhoria, todos os códigos nacionais e todos os tratados internacionais, além de todas as cartas de Direitos Humanos, proclamam não só o direito inalienável à vida humana, mas também a uma morte própria com enterro próprio e de corpo inteiro.

O dever elementar de respeitar a vida humana supõe outro mais elementar ainda, que é um código de honra de guerra: senhor, não se mutila os mortos. O cadáver é, como posso dizer, a unidade mínima da morte e dividi-lo como se faz hoje no Peru é quebrar a lei natural e a lei social. Seus antropólogos e intelectuais têm determinado que a violência tem origem na subversão. Não senhor. A violência origina-se no sistema e no Estado que o senhor representa. Quem diz isso é uma de suas vítimas que já não tem nada mais a perder, eu falo por experiência própria. Quero meus ossos, quero o meu corpo literal inteiro, ainda que seja inteiramente morto.

(Começa a escrever à mão sobre um pergaminho imaginário).

Ao final duvido seriamente que o senhor leia isto aqui. Um antepassado, mais cãndido que eu, escreveu uma carta endereçada ao rei da Espanha de mais de duas mil páginas que demorou mais de duzentos anos para ser lida, ao contrário do discurso de Valverde⁶ ou do discurso de Uchuraccay⁷ que serão lidos em todos os colégios deste país como duas colunas do Estado. Por último, estou seguro que o senhor fará todo o possível para não retardar mais o meu enterro.

(Fecha o pergaminho e coloca-o dentro do paletó de Alfonso Cánepa que está sobre a rampa. Aproxima-se da rampa, pega a calça e veste).

Obrigado irmão, acredito que isto vai ficar bem em mim. Além do mais, vai me fazer falta para continuar viajando.

ALFONSO CÁNEPA

(Sobe por trás da rampa e pega entre as mãos o paletó).

⁶ Vicente de Valverde foi um frade espanhol, acompanhante de Francisco Pizarro durante o período da conquista espanhola e protagonista de um incidente com o Inca Atahualpa, onde este último joga no chão a Bíblia oferecida pelo frade.

⁷ Uchuraccay - Pequena comunidade agrária localizada nas alturas da província de Huanta, *Región Ayacucho*, nos Andes centrais do Peru. Em 26 de janeiro de 1983 foi cenário do massacre de um grupo de oito jornalistas e seu guia. Uma comissão encabeçada pelo escritor Mario Vargas Llosa concluiu, após as poucas horas que permaneceu no local, que os autores do assassinato tinham sido os habitantes da comunidade após terem confundido os jornalistas com terroristas. Para maiores informações recomenda-se os textos: THORNDIKE, *Guillermo. Uchuraccay: Testimonio de una masacre*; SALCEDO, José María. *Las tumbas de Uchuraccay*; CRISTOBAL, Juan. *Uchuraccay o el rostro de la barbarie*; e GARGUREVICH, Juan. *Uchuraccay, 24 años*

O caminhão subia por uma longa cadeia de montanhas, sobre abismos profundos. Lentamente. De repente ao passar por uma ponte estreita, uma explosão levantou um vento de resíduo e pó. Um grupo de garotos armados nos rodeava. Ninguém se mexe!, ordenou alguém apontando para nós de imediato. Em seguida, procederam a descer parte da carga que levávamos para colocá-la em cima de uma caminhonete destrambelhada que retrocedia no meio de uma nuvem de pó. O motorista cismou que queria um recibo que comprovasse que a carga tinha sido expropriada.

(Joga o paletó).

Começou uma violenta discussão com o chefe da operação, que por sinal era uma mulher, que ameaçou fuzilar o motorista no ato. Não havia por que duvidar da sua intenção.

(Coloca o paletó deixando dentro dele sua cabeça).

Ao passar ao meu lado me disse: Já viu? Isso acontece porque você é reformista⁸, você não está nem morto, nem vivo. Quer vir com a gente?

(Levanta o braço e responde não com o dedo, depois tira a cabeça de dentro do paletó e volta a negar).

⁸ Aquele que é partidário do reformismo, sendo este uma teoria dos socialistas que pretendem alcançar o poder com reformas sucessivas e graduais, repudiando a violência como forma de ação política.

Não. MUITÍSSIMO obrigado. Ela continuou dizendo: fora o poder, tudo é ilusão. Façam imediatamente um recibo para este homem. Assinou e entregou um recibo ao motorista que não tinha parado de suar. Depois, se foi rapidamente em outra nuvem de pó. Nós também ficamos cansados e calados. O motorista repartiu o café da sua garrafa térmica e um pão de milho circulou.

(Desce a rampa cantando, deixando as roupas de Q'olla e finalmente a máscara).

Quando chegamos às portas da grande cidade, nos deparamos com os diversos negócios da espera, as carrocinhas de comida, os rábulas, os propinadores, os fotógrafos, os policiais, os familiares dos desaparecidos procuravam uns aos outros nas fotos dos seus mortos. Parecia um jogo de naites embaralhando a sorte dos seus filhos. A avenida estava cheia de automóveis. Enquanto a luz vermelha detinha o tráfego, aparecia uma enorme multidão composta por todo tipo de mendigo e de crianças, que circulavam entre os carros em um vozerio angustiado. Assim que entrei na primeira rua, um intenso cheiro me pareceu familiar. Lima cheirava, imparcialmente, a urina.

Quando entrei no meio da multidão de vendedores e compradores, me chocou comprovar que ali existia uma terceira multidão composta por toda sorte de loucos e lunáticos, que iam e vinham apressados. Iam falando sozinhos, vestidos de farrapos ou desnudos ou tismados. Por fim, eu tinha uma ideia prática. Passaria por louco e assim ninguém mais se importaria comigo. Eu não podia crer, uma vendedora me ofereceu uma laranja. Outro me deu um uma

palmadinha de consolo. Outros me olhavam com uma bondade que a princípio me assustou.

(Sobe na rampa).

A catedral estava nesse momento quase vazia. Da torre dos sinos se podia ver, lá embaixo, a extensa Praça das Armas, o Palácio do Governo, e todas as esquinas rodeadas pelo esquadrao anti-manifestações, a Guarda de Assalto⁹. Pouco a pouco foram chegando todo tipo de mendigos, de manetas, de pernetas, de aleijados, de tantos doentes. Decidi descer, passaria por mendigo.

Oi, é possível saber por que estamos aqui? É que o Presidente vai fazer um discursinho sobre a necessidade da caridade cristã. Que sorte, poderei dar para ele minha carta pessoalmente.

Vozes de comando se elevaram às portas do Palácio. Finalmente o presidente em pessoa e com o braço levantado ficou no centro da sua escolta e começou a avançar até se deter, exatamente, na minha frente. Eu não conseguia acreditar. Aí estava o culpado pela minha morte, mas certamente ignorava até o meu nome, e teria mais de uma explicação para provar sua inocência pessoal. Era, claro, um político. Mas, se as leis significam algo, ele era diretamen-

⁹ No original *Guardia de Asalto*, uma unidade especializada da antiga *Guardia Civil Del Perú* criada para reprimir violentamente as passeatas. No Peru, até metade dos anos 90, qualquer força que saísse às ruas fardada, com o objetivo de reprimir manifestações populares era chamada de *Guardia de Asalto*.

te responsável, ainda que não existisse punição para a multiplicação da morte no país. Agora que terminava o seu mandato, pelo menos devia sentir o olhar de uma das suas vítimas. Sua voz me soou amável, mas remota. Não sei a quem ele se dirigia, não a nós, certamente. Nós nos recordaríamos dele, entretanto, não pelo número de votos, mas pelo número de mortos. Me aproximei dele o mais que pude e lhe estendi a minha carta e vi que ele a guardava no bolso do paletó azul.

Um golpe de culatra me levantou pelos ares antes que caísse e quicasse a seus pés. O guarda dele me revistou dos pés à cabeça, eu não podia acreditar.

Uma criança me resgatou com uma coragem assombrosa. Para, para é meu pai! E os guardas taciturnos me soltaram no ato.

Me recompunha ajudado pela criança, quando no chão escuro vi a minha carta amassada e sem abrir. Voltei a me sentir só e sem saber o que fazer. Olhei os balcões fechados da Prefeitura, do Palácio do Governo, onde o conquistador Francisco Pizarro havia sido assassinado. Olhei a extensa Praça das Armas, agora quase vazia. Vamos, esconderei você nas covas do rio Rimac¹⁰, me disse a criança. Íamos virar a esquina do Palácio quando, ao ver a catedral, ele me disse. Ouça, venha, me acompanhe!

(Pega o candelabro e sobe na rampa).

¹⁰ O rio Rimac passa por trás do Palácio do Governo, em Lima, Peru. Nas suas margens, moram pessoas pobres em grutas e moradias improvisadas.

A escuridão debaixo das grandes abóbadas era maior. Ao passar pelo sarcófago de Francisco Pizarro, me detive um momento. Era uma urna de vidro e mármore, com o dourado leão espanhol em cima. Se podia ver os restos do feroz fundador de Lima, uma caveira consumida e uns ossos soltos.

(Dirigindo-se à criança).

Ouçã, venha, me ajude, é preciso mover esta pesada tampa.

(Deixa o candelabro e pega a caveira do conquistador).

Toma, a verdadeira caveira de Pizarro, pode vender. E também estes ossos, menos estes que me fazem falta. A criança me olhou nos olhos e me disse: ouçã, todo mundo acreditará que você é Pizarro. Está bem, traremos flores para você. Mas juro para você que quando eu for Presidente buscarei os seus ossos. Jurou pálido.

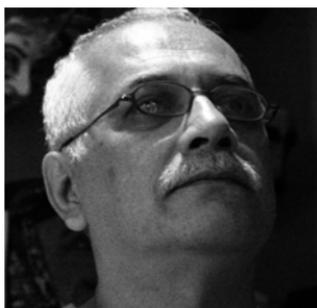
(Pega o candelabro iluminando o seu rosto e continua, sobre uma gravação que duplica a sua voz como se saísse do além-túmulo).

Minha voz soou como de outro na ampla urna. Escutei a mim mesmo no eco e entendi que a minha hora se aproximava. Um dia me levantaria nesta terra, como uma coluna de pedra e de fogo.

(Apaga as velas, soprando-as).

MIGUEL RUBIO

Fundador e diretor do Grupo Cultural Yuyachkani, diplomado na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Particular Inca Garcilao de La Veja, com especialidade em Sociologia. Rubio constrói um teatro de criação e investigação a partir do material que os atores propõem. Tem participado de inúmeros festivais artísticos, cursos pedagógicos, encontros e conferências nacionais e internacionais. Também ministrou cursos na Universidad Río Piedras, Puerto Rico; no Massachusetts Institute of Technology (MIT), em Boston, Estados Unidos da América; no Instituto Superior de Artes de Havana, Cuba; na Universidade de Bologna, Itália e na Universidade de Londrina, Brasil. No ano 1993, Miguel Rubio esteve na China, onde foi convidado como observador do trabalho do Instituto Tradicional da Opera de Pekin, ministrando também um curso teatral para os atores. Participou da II Sessão do International School of Theater Antropology (ISTA), Itália, dirigida por Eugenio Barba. É membro do conselho de direção da Escola Internacional de Teatro para América Latina e Caribe (EITALC), com sede atual no México, além de colaborar em revistas especializadas de teatro.



Colofão

Formato	13 x 20 cm
Tipologia	AGaramond
Papel	75 g/m ² (miolo) Alta Alvura Cartão Supremo 250 g/m ² (capa)
Impressão	Sector de Reprografia da EDUFBA
Capa e Acabamento	Gráfica Cian
Tiragem	300 exemplares